

**ENCOMENDAÇÃO  
DE  
ALMAS**

**ALTIVO DE LEMOS SETTE CÂMARA**

ENCOMENDAÇÃO DE ALMAS

(1.959)

Noite tardonha de quaresma, ora vamos  
pequena orquestra e coro rumo aos cemitérios  
a implorar no vão da estreita porta:  
"Senhor Deus, misericórdia!"

Dois levam o contra-baixo, o rabeção profundo  
que muge como um boi longe do tempo.  
Ante portas estaca a comitiva e bate  
bate rebate a ossuda matraca  
na noitidão mortiças lanternas são acesas  
clangoram as trompas e as vozes deploram:  
"Senhor Deus, misericórdia!"

A música é tão triste e cada um sozinho  
alma velha fechada em vida sem ventanas.  
À parte, fumo. Que frio! São as almas? Oremos:  
"Senhor Deus, misericórdia!"

Quem é lá, detrás dos brancos muros?  
Sementes da eternidade, grãos meio nascituros?  
Quem vem lá? Ninguém secunda. É de morte. Oremos:  
"Senhor Deus, misericórdia!"

Descemos, subimos chão de quebrada memória.  
A lua minguante é uma lanterna gelada  
no alto dos ciprestes, do outro lado das grades,  
lua de neve e trigo, para órfãos e cardíacos.  
E o fantasma da derrota ora usa nossa boca e ora:  
"Senhor Deus, misericórdia!"

Sopra vento sul, rumo Lenheiro-Ibituruna.  
Passou por este vale Fernão Dias Pais.  
Esmeraldas não tinha. Ouro? Soverteu-se. Foi-se.  
Na serra as betas são velhas bocas ocas.  
Rapou o ouro El-Rey, ficamos com o desdouro.  
Herdeiro de buracos lá meu povo implora:  
"Senhor Deus, misericórdia!"

Dos cemitérios sobe o rumor do miserê  
tê a boca das betas, lá é só restouro.  
Não tem vivaíma! Clangoram as trompas:  
"Senhor Deus, misericórdia!"

Ossos particulares nos jazigos ricos (memento homo)  
ossos gerais nos ossuários pobres (quia pulvis es)  
todos somos iguais na morte (et in pulverem)  
que a eternidade é uma só (reverteris)

Para os vivos o limpo som da flauta  
é jato de água para, um refrigerio.

A flauta do Melico lembra um assovio de anjo...  
Cuidado! Descemos ladeira velha, calçada de pedra ferro.

Da urbe colonial passamos à nova cidade  
pela ponte do Rosário, arcos de granito escravo.  
Em S. Francisco é a tradição que conta:  
aqui, xingando, burilou pedra sabão,  
bolinou anjos azuis o mestre Aleijadinho.

A forca foi no Morro. Lá, sem ar  
quem balançou a corda, pêndulo no vácuo?  
Foi na chapada do Matola o pelourinho:  
quem sangrou no suplício? Negro escravo.  
"Senhor Deus, misericórdia!"

Motetes cantamos em sete cemitérios  
chegamos ao Quicumbi já gastos como ecos. Longe...!  
Ali no Porto foi morto Tomé Portes. Vixit!  
Eu volto amolentado, zozzo de gastura.  
"Senhor Deus, misericórdia!"

As Fáblicas fiam silêncio. E os trilhos frios  
da estrada-de-ferro se encontram no finito.  
Batem de novo os saltos no granito urbano.  
Na ponte da Cadeia dissolve-se a fúnebre seresta.  
Só relembração resta na rota da memória:  
"Senhor Deus, misericórdia!"

Que é a morte? Sono de osso nũ, sem carne de sonho?  
Ou um paraíso dado, sem queda nem lembrança?  
Ou nada? Ou nada? Ou nada? Ausência pura!  
O inferno é aqui mesmo.  
Seja o que for, meu bem, é de morte. Oremos:  
"Senhor Deus, misericórdia!"

Ah..! Eu? Eu? Não vale a pena.  
Um dia voarei com asas de neblina e poeira  
e cançado de tudo porei aos pês de Deus  
o que levar da vida no oco da mão: areia.  
"Senhor Deus, misericórdia!"



N U N C A

(1.970)

Cantando, chorando de alegria  
iremos em bando pio e Escola de samba pela rua.  
Quando chegarã o Dia? Repicarã os sinos?  
Terã compasso tantã de bateria?  
Acaso eu me atarantasse e lã na frente  
puxavante tirasse um padre-nosso.  
Ua ave-maria? "Tota pulcra et mater virgo"  
E no mesmo ponto apõs fosse cantarolando  
uma cantiga boba. (Que confusa ẽ a cuca.)

Quando haverã jardins com sombra?  
Quando gente civilizada em maioria?  
Nunca? ẽ o que Vossa Mercẽ responderã, meu Rey?  
De madrugadinha acordo, passarinhos piam  
encolhidos de medo, nas derradeiras folhas  
anunciam o tẽdio de outro mesmo dia.  
Jã jubilam, malditas, as buzinas.  
E alto-falantes urram a ũltima rosa ã venda  
pra cabisbaixa e coroca freguezia.  
A gente se entreolha e aĩ, e aĩ,  
sõ relãmpos vẽ no olhar sinistro do outro.  
Presto se pensa: somos irmãos? Ora, hã-de!  
Unidos sempre mais no oculto pacto,  
pathos verde figadal de frouxo õdio.

-6-

Quando iremos de mãos dadas pela rua  
cantando, chorando de alegria?

Por ora espero e senescendo poema.

Eu? Eu? No poço da memória um caco de eco

ontem de noite ouvi, sombra da voz: eu? Eu?

Nós? Tempo perdido em desperdício de amor, almas sem prumo,  
os pés sem chão, os pés sem asa, os pés sem rumo,  
subprodutos da sociedade de consumo.

Meu bem, quando chegará o Dia?

Ah! Sinistramente adunca a garra do Rey fantasma  
rabisca no muro: nunca.

BETA NA SERRA DO LENHEIRO

(1.962)

"Nihil", na serra está escrito  
com letras de cascalho em pilar de arenito.  
"Nēris", a lesma do tempo traça  
com rabisco de visco na parede  
das betas que já deram ouro à luz do dia.

Foi-se de ouro o veio  
e veio veio de treva com morcegos  
que voam para a nova Idade Média.  
(O amor desce às catacumbas.  
Desvivemos sonhando o câncer-bomba.  
Lobos espreitam na caverna da alma.  
Abrenúncio!)

Oh! Beta-mor, que vela benta te alumia o orco?  
Que água manada de pedra porosa fria  
pingo a pingo adoça a calcinada boca?  
Que arcanjo guarda essa entrada de sepulcro?  
Que fantasma sem freguezes tateia as paredes do dēdalo,  
à procura duma ventana para a luz do dia?

Não temos ouro mais, nem tempo.  
"Tempo é dinheiro"? Sonhando gastamos

o tempo presente e a oblata do futuro:  
somos vagamente herdeiros de tempo...  
Nossa herança jacente? No fim da rocha roxa opa  
e um rosário feito de dentes de escravos.  
Tesconjuro!

Com hurras e urros, discurso e falso uisque  
brindamos à fortuna, nossa beta vazia,  
guarita no desertão sem mais vigia  
pórtico partido da rota para a lua  
janela para o vale deste rio das Mortes  
coisa perdidamente doente de melancolia...

TRANSVAGO

(1.973)

O povarêu tiritita de sermão e friagem.  
Venta, e o vento espinhaço traz na hora a chuva.  
Jã fora de portas tarda a procissão do Enterro.  
Cadê a Verônica? E os fiéis infiéis?  
Atê a namorada, perdida, lã se vai, desnamorando.

Tão triste a rua deserta, calçada de pedra preta.  
A música na chuva é o mais meta! silêncio.  
Que pena! Que triste!  
O Cristo molhado  
tão morto e sozinho  
no escuro, parado.

No bar sonhas, solito, aceso de alegre doidura:  
por que não és um jovem cabeludo?  
Tanta vampe rebola e facilita lã fora!  
À espera do cinemático herói imaginário  
elas mastigam chiclêtes com fúria...

Nas almas antigórias marcha a mula-sem-cabeça.  
É meia noite e os sinos bimbam aleluia.  
Cristo ressurgê, transvoa e nós morremos.

Um menino de opa tilinta a sacola:

"para a cera do Santo Sepulcro!"

Rememoro: os meninos em bando correndo

e os martelos de cera martelam no coco

estalam na testa do moleque banana.

Matracas e sinos, latomia na chuva,

tudo brada e proclama: Aleluia! Alegria!

"Aleluia! Aleluia!

Peixe no prato, farinha na cuia!"

Jã clareia. Eu ressurgi. Ou surgi ã rê?

Oh! amor-meu-dos-outros, bom dia!

A palavra ã lavra que o tempo esquece ou escalavra.

Vai então, como um deus em fêrias eu brinco de parolas

e te invento, oh! amor-meu-sô, minha alegria!

MOMENTO NA PROCISSÃO DO ENCONTRO

(1.962)

Tropeça o Senhor-dos-Passos  
e chora fei a das-Dores.

Senhora que já foi das rosas  
ora é das-Dores Senhora quase morta.  
Lã vai ela sem joias mais, nem flores  
sete facas cravadas no peito  
toda inteira vestida de luto  
sobe chorando a pedrenta ladeira.

Senhor desfeito em farrapos  
sobe aos trancos pelo outro lado,  
suou sangue a noite inteira.

No ar alto das Mercês  
onde se descobriu ouro primeiro  
(" mtº e bom ouro pela raiz do capim")  
sopra o vento das almas  
trazendo incenso do vale  
e aroma de resmaninho pisado.

Tropeça no caco o Senhor-dos-Passos  
e chora perdidamente a das-Dores.

Oh! Senhor-dos-Passos  
tropeços passos cruzados  
nōs depressa te esquecemos  
sō por nos terdes salvado.  
Ora vamos perdidos e de pēs quebrados  
sem rumo nem remo, sem arauto no ar alto,  
no mar alto a rodar sem radar e estrela  
sem esperança nenhuma nem ninguém nem nada.

CONVITE À MUDANÇA

Menina, vamos para a lua.  
Viver no mundo é impossível  
Somos escravos do relógio  
ninguém tem tempo para a vida  
e até a paz é feroz,  
a Bomba matou a Pomba.  
Aqui tem estrada-de-ferro atrás da serra,  
e o túnel que começa em teu coração  
não desemboca nem no bebelêu.

Na lua inda não tem ninguém,  
aqui é gente demais  
e sozinhidão bem pior.  
Adão e Eva renascidos  
vamos em cratera da lua  
sem pressa doída nem medo  
começar uma raça nova,  
humana, bem mais humana.

Se não quiseres comigo  
mudar de vez para a lua  
vou eu, na hora da morte:

-14-

sozinha voa minha sombra  
e cai como um grão de vida  
na lua, pátria de todos.

15 DE AGOSTO

(1.963)

Senhora da Boa-Morte  
dai-me A  
sem castigo nem prêmio,  
grátis para sempre  
Morte sô, mais nada.

Que a vida não é sonho  
sô se sabe tarde:  
é mal sem remédio.  
E rola na areia dalma  
e sobe ao mole céu da boca  
a marê do tédio.

Com meu mantiqueiro capuz de neblinas  
escondo o semblante entristecido  
e na desolação de ferro em pô, de Minas,  
exploro o tempo, que é o meu latifúndio,  
farejo as almas como um cão perdido.

(Na rua por que me fitas  
como se eu fosse um fantasma,  
volante espantalho saqueado?  
Sou teu espelho partido.)

Ora ouve lã, os sinos batem  
mas não é terentena de festa ou novena  
nem comum dobre para defunto algum.  
Os sinos tangem singular responso,  
um alegre outro triste, um fino outro grosso.  
Ah! É o antigo toque de Senhora-Morta,  
Senhora Morta viva aos céus subida.

Senhora-Morta, dai-me Uma sem  
inesperado perdão nem outro inferno:  
algo assim como uma ante-vida  
eterna mesmo sô por ser finita,  
Morte,  
sô Morte sem mais nada além.

NO SALÃO ESCURO

No salão de festas do Clube, à meia noite  
decretaram um longo minuto de silêncio.  
Ouvi bater o coração de alguém perto de mim  
como um tantã transmitindo recado urgente.  
E todas as luzes se apagaram.  
E as estrelas começaram a cair  
como lágrimas de fogo frio, uma a uma,  
No escuro procurei a mão da Desconhecida.  
E as bocas famintas de amor se uniram.  
E a roda de sangue em fogo girou,  
lentamente girou dentro de nós, no escuro.  
Por toda parte havia entrechocar de taças  
e algo foi cantado em coro: samba ou hino?  
Hurras e urros vibraram no ar parado,  
uivos de sirenas seguiam apitos e buzinas,  
rompia os tímpanos o áureo som dos clarins.  
Seria o anunciado fim do mundo?  
Seria a festa da Bomba, ponto final de tudo?  
Seria a festiva celebração da passagem do ano?  
No escuro procurei a mão da Desconhecida.  
E dentro de nós a roda de sangue em fogo girou.  
e afundamos no vazio, era doce, que bom, adeus.

ALEIJADINHO ROSMANINHO

(1.975)

Senhor, põe os teus pés sobre o meu peito!  
Eles cheiram de longe a rosmaninho.  
Jã da vida não sou, inda não sou da morte.  
Zanzo perdido no meio do caminho.

Jã é lasca de pedra metade desta dextra.  
E minha boca? Deplora. É cova de palavras. Oca.  
Onde os anjinhos meus, de azul pedra sabão?  
Comadre, me dá um gole de cardina. Pouca.

Comadre, na escuridão estou ouvindo sinos.  
É dobre de finados. Quem morreu? Fui eu?  
Jesus, adonde ias? Morrer? Jerusalém?  
Mais perto fico eu: Matriz de Antônio Dias.

Senhor, põe os teus pés sobre o meu peito.  
Hoje um pedaço meu vai para o céu, sozinho.  
Cismo: é Quinta-feira Santa? No piso das igrejas  
vou rasteiro, farejando o odor do rosmaninho.

Olho para cima, é teto escuro de fuligem.  
Onde o sonhado na pedra azul, meu céu?

Vou sem arrumo nem guia, coitadinho.  
Gente, vigia sô! Lã vou de dēu em dēu.

Põe teus pēs sobre meu peito. O rosmaninho  
disfarça cheiro ruim. (Eu cã preciso...)  
...Uai! Dobram sinos na Vila Rica. Eu? No caixão sozinho.  
Meu pai, tē jã, te espero atrás da porta.  
Amanhã cedo estaremos juntos no paraíso.